

A Poesia Anarquista

Yara Aun Khoury

Depto. de História da FCS/PUC-SP

Entre os muitos modos de se falar sobre a poesia anarquista, um deles é acompanhar o caminho trilhado por Edgard Leuenroth, velho militante libertário paulista, na sua verdadeira "mania" de coletar e arquivar novos e velhos papéis, registros da memória dos grupos comprometidos com as lutas dos trabalhadores.

Leuenroth, julgando o ato de coligir, preservar e consultar esses documentos como um meio dos grupos se identificarem no embate das forças sociais, como "uma necessidade coletiva daqueles que se dedicam ao estudo da questão social", colecionou e organizou livros, periódicos, boletins, panfletos, fotos, folhetins, peças teatrais, crônicas, poesias, contos, canções, hinos, produzidos ou utilizados pelos combatentes. Dedicou anos de sua vida a preparar a publicação de "um documentário, o mais completo possível, do desenrolar do movimento social brasileiro", segundo suas próprias palavras, reunindo material cada vez mais difícil de ser encontrado e organizando-os em volumes, segundo sua natureza: artigos de jornais sobre problemas e reivindicações dos trabalhadores, sobre campanhas anticlericais, sobre o movimento anti-integralista; poemas e canções de cunho libertário; dados coletados na imprensa sobre a organização e o movimento dos jornalistas brasileiros. Entretanto, nunca chegou a publicá-los em vida.

Consagrara um dos volumes à poesia por interpretá-la como uma "das modalidades do movimento social". Gostava de uma frase que dizia: o pensar faz os homens humanos, a leitura os torna completos, a história os converte em sábios e prudentes, a poesia "espirituais", sensíveis. À medida em que nos familiarizamos com a militância anarquista nos damos conta do significado dessas palavras. A Anarquia, na perspectiva militante, é a doutrina que leva à verdadeira libertação, porque valoriza os indivíduos como "forças conscientes" capazes de construir os caminhos libertários por sua própria experiência e vontade. No entender libertário, são muitos os caminhos para a felicidade suprema, que está na liberdade completa, na perfeita harmonia com a natureza e dos homens entre si. Esses são construídos no dia-a-dia, com base na liberdade, na igualdade e na solidariedade, segundo e como queiram os sujeitos em ação, na vida diária, na família, no trabalho ou no lazer. Livremente organizados, eles forjam a revolução, enfrentando a exploração e a autoridade em todas as situações onde

elas se manifestam. Mas, se deixados única e exclusivamente a sua experiência, sem a luz esclarecedora da doutrina, sem as explicações da ciência sobre as leis sociais e da natureza, os indivíduos poderão acomodar-se ou enveredar por caminhos reformistas, uma vez que estão profundamente envolvidos por formas burguesas e católicas de pensar, habituados às explicações metafísicas da vida e das sociedades e às disciplinas impostas pelas organizações sociais autoritárias. Pela militância, os indivíduos se fortalecem e ampliam a consciência de si mesmos, orientados pela doutrina e apoiados na ciência.

Dentro dessa perspectiva, as leituras, os estudos, e a reflexão ocupam lugar de destaque na militância anarquista. Seus protagonistas organizam jornais e outras publicações, centros culturais, conferências e festivais artísticos, criam escolas, por meio das quais procuram aprofundar e debater assuntos sociais, divulgar a doutrina libertária e o ensino racionalista que a acompanha.

Nesse universo de vida e de luta, a arte e a literatura são também pensados como meios de realização do homem. Na diletância ou no combate são expressões das potencialidades humanas, que todos podem e devem desenvolver.

Uma frase de Octávio Brandão, guardada por Leuenroth, oferece contornos do entendimento libertário sobre o valor da poesia: "... na verdadeira poesia existe a apoteose da vida e da luta sociais, da natureza e do mundo espiritual (...). Na poesia existe a fusão harmoniosa da razão e da paixão, do pensamento e sentimento, da convicção e emoção, do conhecimento e sensibilidade, da ação e contemplação (...). O verdadeiro poeta descobre a poesia na realidade. Descobre a poesia da realidade. Faz da poesia a musa da dor e da revolta, da veemência e indignação, da luta e libertação dos povos"¹.

Na construção diária da revolução, seguindo tantos caminhos quantos forem os indícios da opressão e da exploração e quantas forem as saídas encontradas, os militantes cruzam e interseccionam suas ações com as de outros sujeitos sociais com os quais identificam propósitos comuns. Muitos deles permeiam a arte e a poesia e são expressos por elas. Com sua sensibilidade o poeta apercebe-se da dor humana e a expressa em seus versos; celebra a natureza, as riquezas e as possibilidades da vida e dos homens. Comprometido ou não com as lutas sociais, ao exprimir a injustiça, a tirania, a opressão, os desejos e as ansiedades humanas, é considerado um combatente pelos libertários. Segundo eles, muitas passagens da História são expressões da luta dos homens pela liberdade, ou em nome dela, e a poesia as canta.

Em seus periódicos, os anarquistas oferecem fartamente exemplos desses versos; neles os revolucionários da tomada da Bastilha ou da Comuna de Paris, os "inconfidentes", os "abolicionistas", homens de ciência,

¹ Trecho de artigo de Octávio Brandão publicado na revista "Brasiliense"; sem maiores referências.

educadores ... formam a plêiade dos lutadores; poesias de Castro Alves, de Olavo Bilac, de Martins Fontes, entre tantas outras, fazem parte das colunas libertárias. Edgard interessou-se por todas elas e as fez parte de seu acervo.

Observar a poesia anarquista, ou considerada de combate pelos militantes é passear pelos meandros de uma vida de enfrentamento, onde os temas afloram como expressões da luta, de idéias e de projetos, formulados, muitas vezes, nas simples palavras de operários. Em algumas, há o convite ao engajamento dos próprios poetas:

AOS POETAS – MISÉRIA²

Artista! Se te oprime a esqualida miséria,
Se a grande falta de ouro amarra as tuas asas,
Rojando-te no chão, na lama da matéria,
Mesclando a fome vil ao sonho em que te abrasas,

Não te importe o clamor dessas turbas tão rasas,
Não te importe o pungir da carne deletéria;
Num solo de veludo ou num solo de brasas,
Caminha, fito o olhar numa esperança etérea.

Que te importa o banal? A propriedade? O mundo?
Se te negam o pão, usa a força, expropria;
Em vez de te humilhar, faz-te vagabundo!

Vibra o plectro de luz por esse mundo fora,
Mas lêga, quando morto, à multidão sombria,
Um grito de revolta e uma estrofe sonora.

Edgard Leuenroth, num trabalho metódico e minucioso, reuniu, sobretudo na imprensa operária e livre-pensadora, poesias de várias regiões do país publicadas ao longo dos anos 1900. Nelas e por elas lamentam-se as condições de vida e de trabalho do assalariado, as misérias dos vícios e das guerras, as resignações e as credices religiosas; denunciam-se as tiranias e as injustiças das instituições autoritárias. Em oposição, são enaltecidos o uso da razão e o livre-pensar e o trabalhador é alentado para a luta, apesar dos sofrimentos e das desilusões. Curiosamente, raramente as poesias se referem às formas de organização do movimento ou da sociedade futura propostas pelos anarquistas; reportam-se mais ao valor da instrução racionalista e à importância do saber e da cultura; exaltam o trabalho como elemento fundamental na edificação da futura sociedade anárquica e o próprio lazer como meio de educação e de luta.

Muitas das poesias coletadas por Edgard são manuscritas, outras datilografadas, algumas impressas; umas são acompanhadas de cartas

² Soneto impresso, sem nome do autor nem outras referências.

explicativas; outras são dedicadas a algum militante ou enviadas para serem incorporadas ao documentário em elaboração pelo velho militante.

A maior parte daquelas escritas por libertários não prima por um vocabulário rico e sonoro, nem pelo conhecimento ou respeito rígido às normas dessa modalidade literária; isto sobretudo quando trabalhadores dão asas às suas inclinações poéticas e, envolvidos por um tema, sobre ele falam como sabem e como querem. Os amantes da poesia, habituados a obras requintadas, poderão, muitas vezes, se frustrar ao lê-las. São, entretanto, um material rico para o pesquisador dedicado a recuperar as problemáticas vividas pelos sujeitos sociais, suas formas de pensar, seus valores e aspirações.

Para um observador atento, acompanhar os nomes dos autores, seus dados biográficos, relacioná-los com informações que seguem as poesias e com outros registros deste acervo é obter subsídios para construir aspectos da militância anarquista, numa multiplicidade de práticas e de relações que os combatentes estabelecem com outros sujeitos sociais. É agradável deparar com poesias de libertários famosos como Gigi Damiani, Neno Vasco, José Oiticica; é instigante descobrir pseudônimos, saber que Souza Passos é também Felipe Gil, escrevendo em "A Plebe", que Afonso Schmidt assina por vezes Cottin, no mesmo jornal; é desafiante perceber Adalberto Viana, Albino Bastos, Raymundo Reis, Andrade Cadete exercendo atividades variadas e se pronunciando sobre assuntos diversificados, como expressão de uma única militância; é surpreendente encontrar versos do advogado livre-pensador, Benjamin Mota, de 1º de Maio de 1898; co-proprietário de "A Lanterna", com Edgard, seu primeiro defensor junto ao Tribunal da Segurança Nacional em 1935, aventura-se pela poesia. É prazeroso imaginar Pedro Catallo fazendo versos para serem musicados e cantados nos encontros de debates, de lazer ou nos comícios.

Esta é uma pequena amostra do acervo poético recolhido por Leuenroth. Muitas poesias foram excluídas por serem longas ou por repetirem os temas apresentados. Para o leitor que se interessar haverá sempre um meio de conhecê-las melhor.

LIBERDADE!...

De tombo em tombo, a rastejar na lama,
Manietada na idéia e de alma baça,
A humanidade vive, geme e passa,
Como se o mundo ardesse em rubra chama!...

Clama a justiça... e a dor bem alto clama...
Chora a miséria, nua em plena praça...
E ao fim, como Jesus, à negra taça
Da amargura põe termo neste drama!...

E o povo? É o triste e humílimo Messias,
Acorrentado à lei da iniquidade,
Sem revolta, nem queixa às judiarias!

Como ele, aos ombros, com serenidade,
Leva ao calvário a cruz, em nossos dias,
Onde expira bradando: liberdade!...

Constantino Pacheco

MISÉRIA

Miséria! um dia tu bateste à minha porta
E ela logo se abriu ante o teu vulto esguio!
Vinha do pólo norte a tiritar de frio,
De membros semi-nus, de fome quase morta!

Apiedei-me de ti e dei-te o que conforta,
Dei-te tudo quanto tinha: o pão, o vinho, o estio...
E tu sempre faminta, o ventre, o olhar vazio,
O mesmo aspecto nu e a mesma boca torta!...

Depois ficamos sós, em frente à mesa nua...
E a luta se travou encarniçada e larga,
Entre a minha existência e a destruição da tua!

Ao peso, sucumbi, d'um golpe a toda a carga...
E, quando dei por mim... vagava em plena rua,
Envolto e confundido em tua vida amarga!...

*Constantino Pacheco*³

ÉBRIO

Caído jaz um ébrio na sarjeta!
O corpo tem inchado e mal vestido;
Expia todo o mal de ter bebido,
No catre desonroso da valeta.

³ Constantino Pacheco é um tipógrafo nascido em Portugal, que viveu no Brasil mais de quarenta anos. Considerado "poeta brilhante" pelo jornal "Brasil Operário" é pouco conhecido. Nunca publicou suas poesias marcadas por um traço de amargura. Em hora de desespero as destruiu tendo restado apenas algumas, das quais esse periódico publicou esses dois exemplares em dezembro de 1903.

Cedera das bebidas à veneta
E delas fora a servo reduzida,
Agora, num trejeito divertido,
Às moscas que o farejam faz careta.

- Escravo da bebida! Alguém murmura!
- Como é possível dar-se assim ao vício!
- E ao desgraçado cobre de censura...

Por que, de pejo assim lhe cobre o rosto?
Se culpa têm, também, no malefício
Quem vende, quem fabrica ou cobra imposto?

*Almir A. da Fonseca*⁴

Às criancinhas

NÃO GOSTO DA GUERRA, NÃO!

Não gosto da guerra, não!
Não gosto dessas matanças
Onde a fúria do canhão
Não deixa nem as crianças.

Gosto do sol e das flores
Do cantar dos passarinhos;
Das fontes, dos seus rumores,
Que escuto pelos caminhos.

Gosto bem da vovozinha,
Dos brinquedos, da canção,
Do papai, da mamãezinha.
Não gosto da guerra, não!

*Pedro Catallo*⁵

⁴ Poesia ou cópia manuscrita, sem referências.

⁵ Recorte impresso, sem referências. Pedro Catallo foi um sapateiro libertário; escreveu várias peças teatrais e artigos na imprensa anarquista, sobretudo a partir da década de 1940.

PARA UM OPERÁRIO

Trabalhaste dez lustros e segundo
Mo disseram, morreste foi de fome.
Como a sorte é variável neste mundo!
Como a tua lembrança me consome!

Não sei se tinhas prole, nem se o fundo
Da sua alma era bom, nem qual teu nome,
Porém sei que arrastaste um mal profundo
Para a cova onde a dor se some!

Descansa, lutador, em paz! Descansa!
Tu, que nunca o descanso usufruíste
Sobre a terra onde luz tanta bonança!

Descansa, que o suor do teu trabalho
Há de rolar no teu sepulcro triste
Cristalizado em pérolas de orvalho!

Leonel Fagundes⁶

PROLETÁRIO

Homem da gleba e do trabalho: A vida
E o mundo te pertencem; ergue o porte
Curvado ao peso da penosa lida,
E vencerás a luta enorme e forte!...

Estuda e aprende que verás vencida
A presunção dos grandes, cuja sorte
Não é melhor que a tua, enaltecida
Numa vitória certa como a morte!

Quem é mais do que tu na sociedade?...
O luxo fátuo? ... mescla da vaidade,
Da fantasia, orgulho e ostentação?!...

⁶ Publicado em "O Operário", Pelotas, 01/05/1933.

Se lhe faltasse o árduo contingente
Do teu trabalho, que seria a gente
Que vive e gasta sempre na inanição?

*Francisco Marcani Gonçalves*⁷

À MULHER OPERÁRIA

Definhas, carne em dor, nessa estufa doentia
Onde impera o trabalho e reina a trama
Onde a fome, roaz, brama de sol a sol.
Brotaste na miséria e estás predestinada
A sofrer, trabalhar e morrer estiolada,
Sem que brilhe em teu seio a luz de um arrebol.

Nesse inferno a que foste atirada – a Oficina –
A burguesia vil, corrutora, assassina,
Com sólidos grilhões te enleou e te prendeu.
E o infando Capital o teu suor devora,
Como a águia da Legenda espedaçava outrora
A rija carnação do bravo Prometeu.

Para o mundo atual, tu és, unicamente,
A fonte do dinheiro, a máquina inconsciente,
O ventre fértil que produz, a preço vil,
A carne do prazer para os grandes da terra,
A carne do canhão para dar pasto à guerra
E a carne que o industrial devora em seu covil!

Ó mulher infeliz, luta, trabalha, morre!
Mas o sangue, o suor da frente te escorre
Vai formando esse mar de fúria e indignação
Que há-de, enfim, subverter o negro Despotismo
E de onde há-de emergir, após o cataclismo,
Um mundo mais humano e sem falta do pão!

*Raimundo Reis*⁸

⁷ Idem.

⁸ Esta poesia fora publicada na "Terra Livre", em abril de 1910. Em 19/04/33, para sua reedição em "A Plebe", sofreu ligeiras modificações. Raimundo Reis chegou a fazer duas coleções de poesias, que desapareceram misteriosamente após sua morte. Uma fora dedicada a Edgard Deucroth.

EM PLENO SETENTRIÃO BRASILEIRO

Home pobe não póde juntá dinheiro
Nem pode sê verdadeiro
Cum trabaio de alugado.
Vai na segunda, vai na terça, vai na quarta
Vai na quinta, vai na sexta,
No sabo tá infadado,
– “Bom dia, cidadão,
Eu quero picke contado.”
O patrão entra pra dentro,
Faz a conta no seu livro
– O amigo “deu-me um liso”
Só ganhou dois cruzados.
Chega em casa, agarra a bolsa,
Vai pra feira.
A muié qui fica im casa,
Fica cum muito côidado,
Ele chega lá, topa o jogo do bozê,
O buralo inda é
Acabou-se não traz nada.
Diz o menino: – “minha mãe, meu pai já vem,
Não traz nem um vintém,
Parece que não traz nada”.
Chega em casa, a muié forma uma cara feia.
– “Eu te puxo nas oreia,
Cala a boca, condenado”,
– “Ora, muié, quando eu casci contigo,
Se uma cobra me tivesse murdido
Eu estava mais consolado.”
O menino que já está no chão caído,
De fome tá invadido,
Coitadinho, tá ingolado.
– “Corre depressa, vai à casa de seu Zé Gome,
Que hoje aqui ninguém não come,
Compra bacalhau fiado.”
Ruando é meio dia vai pesca ca muié,
Cada quá cum um gereré.

Fica no brejo atoludo.
Ó minha gente, estou canso de dizé,
Todo o mundo póde crê,
Rui este é o resurtado⁹.

PEQUENO PROLETÁRIO

Tenho pena de ti, pequeno proletário,
Que, de manhã à noite, aí no ofício,
Desperdiças, assim, por mísero salário.
Os anos infantis, em troca de um ofício.

Tenho pena de ti, vítima do corsário
Da sociedade vil, por cujo sacrifício
Te arrebanhou, sem dó, a voz do argentário,
Julgando ainda ser isso um grande benefício.

Hás de, amanhã, bem sei, oh pequenino estóico,
Rebelde inveterado, há de, por certo, ser,
Contra essa malvadez, soldado bom e heróico.

Alguém, então, zombando, esse teu proceder,
Dirá que não és mais que um louco, um paranóico,
Clamando pela Luz do Rubro Amanhecer!...

*João Medeiros Coimbra*¹⁰

⁹ Esta embolada foi publicada em "A Plebe" de 31/7/1920, por Octávio Brandão, quando ainda era anarquista. Considerado por ele "como um documentário admirável da vida do proletariado nortista", lhe fora oferecida pelo autor, um tecelão de fábrica da Alagoas. O título é do comentário de Octávio, ao apresentar os versos, e não da embolada.

¹⁰ Soneto manuscrito, oferecido a João Bruno pelo autor. Este, trabalhador gráfico, escreveu uma obra em prosa e outras em verso: fundou vários grêmios literários e três periódicos: "O Estio", "O Orvalho" e "O Cruzeiro do Sul".

ATROZ REALIDADE

Fui encontrá-lo em desespero infundo...
A sua casa onde imperava a fome
Abrigo dava a um querubim tão lindo,
Quase a finir-se n'um sofrer sem nome.

Na enxerga, a um canto, a companheira, rindo,
N'um riso louco o existir consome
Sente que a vida, se lhe vai fugindo
Sem forças ter pra que essa fuga dome...

Há dias já que essa família exausta
Que força teve pra um labor atroz
Respira a Morte por não ter um pão,

Enquanto à porta a humanidade fausta
Passa, fingindo não lhe ouvir a voz
Que em breve cansa de clamar em vão.

A. R. S. Torres¹¹

O TRABALHADOR

Levanta de manhã o bom trabalhador,
Serenos e contrafeito, ao peso da desgraça,
Para a oficina vai o nobre lutador,
Olhando com desdém pelo burguês que passa.

Começa a trabalhar e no insano labor
Gasta a força viril herdada de sua raça,
Enquanto o seu patrão, o infame explorador,
No luxo e no prazer a vida inútil passa...

E à tarde, quando volta à mísera morada,
E põe-se a refletir na sorte desgraçada,
Solta gritos de dor como um leão a rugir.

Desejando fazer, com desejo profundo,
Explodir este abjeto e miserável mundo
E sobre a ruínia outro mundo construir!

José Maximo¹²

¹¹ Publicado em "Emancipação", revista quinzenal, Rio de Janeiro, em 01/05/1905.

¹² Publicado em "O Escravo", data ilegível.

A FÁBRICA

Paro em frente da fábrica maldita
Que se ergue, altiva, a meio d'uma rua
E ao vê-la a alma queda-se contrita
E o coração, de dor, no peito estua.

Meio dia na torre. O monstro apita.
A legião dos párias tumultua.
Um grande borborinho a rua agita.
Eleva-se e no próprio ar flutua.

Oh! quanta dor a vida não traduz,
– Penso então – quanto esforço nunca visto,
Vivida assim nas fábricas sem luz!

Trabalhador escravo, em face disto,
Eu julgo mais pesada a tua cruz,
Do que a cruz em que foi pregado Cristo!

*Angelo Jorge*¹³

DESGARRÃO

O operário não tem onde morar
Coitado! E faz de um quarto infeto, imundo,
Aperitivo, nojento, nauseabundo,
O seu divino e sacrossanto lar.

E ali, uma hora a rir, outra a chorar
Ele arrasta a existência, neste mundo,
Como um cachorro, inútil vagabundo,
À procura de um lixo pra fuçar.

É a multidão, esse poder eterno,
É esse alimento que o burguês consome
Dando-lhe, em paga, um torturante inferno.

Sempre esta coisa cômica e sem nome:
O povo mata a fome ao governo
E o governo reduz o povo à fome.

*Carlos Bacelar*¹⁴

¹³ Soneto impresso, sem referências.

¹⁴ Publicado em "A Plebe", São Paulo, 11/03/1933.

AOS RICOS

O dinheiro que gastais constantemente,
Em mil coisas que não têm utilidade,
É um dinheiro gasto inutilmente,
Pois não traz nenhum bem à humanidade.

Esse dinheiro, gasto assim vilmente,
Na luxúria sem fim, gera a maldade,
Que assassina fria e lentamente,
A virtude que exerce a caridade.

Percorrei os bairros pobres da cidade,
E conduzindo a pobreza pela mão,
Amparai as crianças na orfandade.

Que sem pai, sem mãe, sem teto e sem ter pão,
Olhos fitos no céu, pedem piedade,
Para a dor que constrange o coração.

*Avelino Perez Recon*¹⁵

ANTÍTESE

A Estevam Estrella

Donde vens, senhor, assim desfigurado?
Trazes n'alma o amargor de um remorso rebel?
Quem és tu? Donde vens, ó jovem desgraçado?
– Eu sou milionário, e venho do bordel?

Meu pai, rude burguês, juntou o capital,
Regando os cafezais, com o sangue dos escravos;
Eu, rico bacharel, em taças de cristal,
Bebo caro champanhe, entre vivas e bravos!

– E tu homem de ferro, altivo, musculoso,
Que alegria tão sã tua fronte ilumina?
Quem és tu? Donde vens, ó homem vigoroso?
– Eu sou operário, e venho da oficina!

Meu pai, de sol a sol, na forja se abrasava,
Era forte e viril, forte como um leão.

¹⁵ Publicado em "A Verdade", Santos, 01/05/1927.

Tinha um sorriso bom e o ferro laminava.
Quando a morte o feriu, no grande coração.

*Benjamin Mota*¹⁶

RACIOCINANDO

Tudo é mentira! 'Deus, Moral e Humanidade!
Mentira o céu, mentira a fé, mentira o Amor!
Só se vive do mal, da dor, da iniquidade,
E todo este progresso é morte e despudor!

Há sempre covardia, infâmia, atrocidade,
Canalhas no prazer, canalhas numa dor,
Fingidos que a chorar imploram caridade,
E falsa proteção que imita o benfeitor!

É crime cobiçar os frutos do trabalho,
Pedir junto ao burguês aumento de ordenado,
Alguém que esteja nu não peça um agasalho...

E pobre mortal que queira a Liberdade...
Pois não se vai bolir no cancro alicerçado
Que se convencionou chamar de Propriedade!

*Adalberto Vianna*¹⁷

A chama canta, salta e corre,
O velho burgo tomba enfim...
Oh! Quanto abutre cai e morre!
Oh! Quanto abutre em seu festim!
De face a ardear, que a chama cresta!
Ó párias nus, vindes dançar,
Dançar em roda, correr, cantar,
Que esta fogueira é vossa festa!

A chama a crepitar!
Em círculo formai!
Dançai!
Dançai!
De archote aceso, o mundo iluminai!

*Neno Vasco*¹⁸

¹⁶ Poesia datilografada, sem referências; apenas datada: 1º. 5.1898.

¹⁷ Publicado em "A Plebe", São Paulo, 23/07/1927.

¹⁸ Recorte impresso, sem título nem outras referências.

AOS CRENTES

Mortais, crede com fé, com viso de verdade.
Verdade de pureza heróica e irrefutável,
Que a crença que domina a tola humanidade
É uma crença imbecil corrupta e detestável.

Da solidão astral nos chega a luz vigente
A luz que a nossa treva afugenta e ilumina,
E assim o amotinas vereis incontinente
Na crença virtual a que julgais divina.

Ao histrião e ao pulha e mesmo ao que domine
Símbolos dessa crença infame, e desse mal,
Daremos por lições a ler Kropotkine
E não devemos crer que nossa alma é imortal!

Gozeamos com fervor o mundo, esse conjunto
De crenças, de ilusões, de prantos, de maldades;
Exploremos sem pejo a flor do tal assunto
Ao forte despertar arcano das verdades...

Funâmbulos, mastias, assim desta maneira
Irão provavelmente atrás sem freguesia:
Acabam-se os missais, a grande pagodeira.
E o baile religioso ecoando a vilania.

Hipócritas de "deus", palhaços infamantes,
Impudentes cristãos e falsos clericais,
Não mais conseguirão com capas de farsantes
Vestir a humanidade em almas imortais!

Brademos com fervor, mas com fervor imenso,
Fervor que ao deus – natura alegrará por certo:
Como um sábio qualquer a revirar com senso
As folhas colossais de um grande livro aberto.

*Adalberto Vianna*¹⁹

¹⁹Obra impressa, sem referências.

A UM PÚLPITO QUEBRADO

Estás inofensivo, estás vazio,
Velho caixão malvado.
Que trazias de Roma, consignado
Às multidões beatas,
O preconceito estúpido e sombrio
E o dogma bestial, de quatro patas.

Tu nunca foste compassivo e terno:
Ao pobre quase nu,
Que lhe dizias tu?
Os terrores dramáticos do inferno!

Por todos os teus lados,
Blasfemavas feroz contra o "Progresso".
Que foi 93? Foi um possesso,
Crivado de pecados;
A Liberdade, um sonho sedicioso;
A Ciência, uma cínica atrevida.
Só a religião é que é a vida,
E a reza, o largo porto bonançoso.

Da Imprensa tu dissestes mais horrores
Do que Mafoma disse do toucinho...
É o pestífero ninho
Dos abutres do mal e da impiedade,
Covil de pecadores
Que têm de arder por toda a eternidade.

Hoje, caída em ruínas a capela,
Estás à chuva e ao vento e ao sol aberto...
Estás melhor, decerto.
Hoje em lugar do círio, vez a estrela.
Do mau cheiro de incenso desinfeto,
Agora perfumou-te
A viva aragem fresca da campina;
E tens por vasto, radioso teto,
A cúpula divina,
A constelada abóbada da noite.

Em vez do órgão fanhoso, ouves agora
O cântico das aves,
As músicas da aurora.
E sobre as tuas traves,

Donde escorria a onda das asneiras,
Gemem de amor as pombas forasteiras.

Novo padre Jacinto, sacudiste
O teu jugo católico romano,
E em vez de velho púlpito tão triste,
És um digno caixão, livre e profano.
E, pois te restituíste
À grande comunhão da natureza,
Acharás, com certeza,
Um fim mais nobre, donde te provenha
De ser útil a esplêndida alegria:
Acabarás em lenha
Para aquecer de um pobre a noite fria.

Lucio de Mendonça²⁰

DÚVIDAS

Quanta ilusão!... o céu mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De dúvidas cruéis prisioneiro
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que Cristo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam também Deus verdadeiro,
Veio ao mundo remir do Cativoiro,
E vejo o mundo ainda tão cativo!

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignaro
Não deixou de provar o duro freio,
Da tirania, da miséria o travo.

Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
Se o homem chora e continua escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio?

Tobias Barreto²¹

²⁰ Publicado em "A Lanterna", São Paulo 15/11/1913.

²¹ Exemplo de soneto de literato brasileiro publicado em periódico anarquista, "A Obra", São Paulo, 14/07/1920. Este mesmo soneto aparece também datilografado no acervo de Leuenroth com o título "Ignorabimus".

O BOM CURA

Morava no meu lugar
Essa aldeana formosa,
Tinha as faces cor de rosa
Macias como o luar.

Todos queria a amar
Essa linda mariposa,
Ela, arisca, e orgulhosa
Não os queria escutar.

Um dia, o bom do reitor
Foi jurar-lhe o seu amor,
E... ela creu, cheia de esperança,

Em tudo o que ele dizia
Até que... num belo dia
O brindou c'uma criança.

Albino Bastos²²

ARREPENDIDO

O padre João fazia anos,
Conforme velhos costumes,
convidava amigos seus
bons católicos romanos...
Era um jantar... Em queixumes,
dizia ditos sandeus:

“Os tempos andam bicudos!...
Não reparem os guisados
deste modesto jantar.
À sobremesa há canudos,
que, depois destes guisados,
iremos saborear.”

Lá havia autoridades,
do delegado aos juízes
e a Joaquina do arraial...
Falavam em divindades,

²² Soneto impresso, sem referências. O autor costumava assinar artigos e poesias em “A Plebe”.

sobre ermidas e matrizes
e vida paroquial.

O cura pançudo e velho,
tem a batina ensebada,
ventas sujas de rapé.
Quando ele lê o Evangelho,
sua casa, então fechada,
tresanda em forte chulé.

Para o jantar, com esforços,
ele matou um suíno,
de cuja carne comeu.
Mas, depois, teve remorsos
do fraticídio ferino,
e, cômscio, se arrependeu.

*Theodomiro Cruz*²³

A ESCOLA MODERNA

A grande Instituição, que o velho professor
Fundara, para dar à humanidade nova,
A luz de outro saber, o sol de um outro amor,

Não tinha inda o batismo, a convincente prova
Do seu real valor, da sua alta missão,
Que aos crentes inspirasse a fé que se renova...

Apóstolo tenaz, homem de convicção,
Ferrer se devotara ao bem da humanidade,
– Cavaleiro do Ideal e pioneiro da Ação!

Instruía; e pregava a solidariedade
Entre os homens, iguais no amor, visando um fim:
– Criar um novo tipo à velha sociedade.

E o novo ensino foi se difundindo assim,
Qual luz feral que à treva afugenta e combate,
Ou toque, a despertar, de estrídulo clarim!

²³ Poesia recortada de jornal operário, sem referências.

Porém, a tão grandiosa e a tão profundo embate,
Contra as leis, contra o altar, contra a ordem e a rotina,
A reação se impou de igual força e quilate!

E a espada unida à cruz, a sentença assassina
Traço, na escuridão da "semana sangrenta",
De imolação ao Justo, à alma sã que ilumina...

...Banhou com sangue o Ideal! E o sangue, tumultuário,
Germina e faz-se luz e em fontes mil rebenta!...
E, religião do amor, o Ensino Humanitário
Em batismo de luz as almas dissedenta!

*Marques Guimarães*²⁴

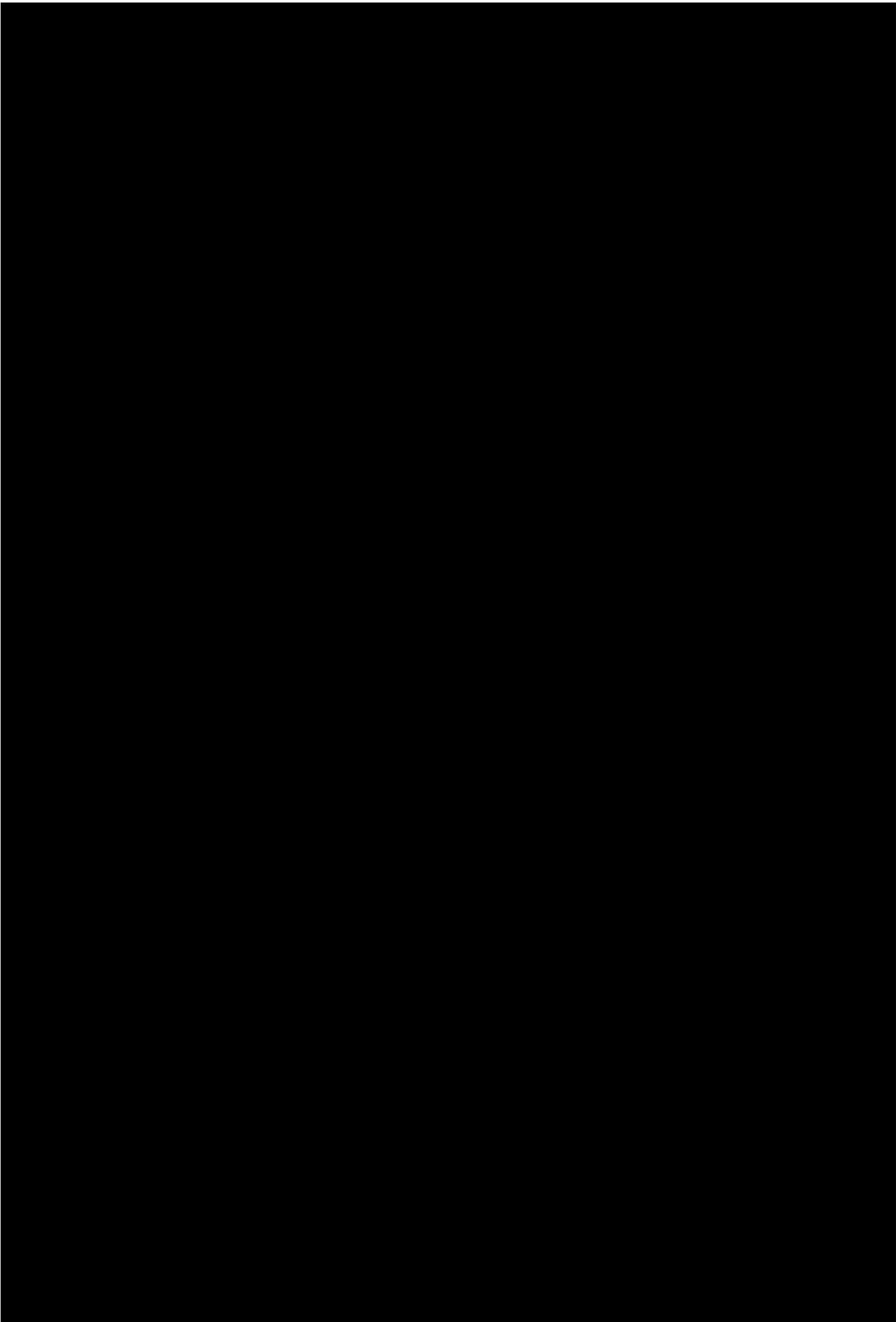
A ORDEM

Ó Juízes! Eu sou essa figura austera
que todo o mundo adora e respeita e venera.
Sem mim não poderia o orbe social
gozar a paz serena e ultra-celestial
que atualmente usufrui. Eu sou seguramente
o mais forte e tenaz esteio do Existente
Sem mim a Sociedade era como um abismo.
Eu protejo na sombra a mão do Despotismo
Quando ela avança, oculta, e busca estrangular
entre as garras de tigre, a alma popular.
Guardo, como um alão, das iras malfazejas,
os palácios reais, os bancos e as igrejas,
para que o Capital, o Trono e a Reação
façam tranqüilamente a sua digestão.
Em volta dos bordéis, tavolagens, mosteiros,
passo a noite a rondar com os meus quadrilheiros,
pra que ninguém perturbe a alegria epicúrea
de quem busca o prazer nos braços da Luxúria.
E quando algum Fabulas se alçaprema à sacada
onde o espera, febril, a doce namorada,
sou eu quem lhe segura a escada resistente,
– isto para evitar o escândalo somente...

*Campos Monteiro*²⁵

²⁴ Publicada na "Revista Liberal", Porto Alegre, outubro de 1921.

²⁵ Impressa em periódico proletário, sem referências.



**É por isso que espero e sonho o Povo unido,
Soldado, camponês, doutores e operários**

1908 - 1909 - 1910 - 1911 - 1912 - 1913 - 1914 - 1915 - 1916 - 1917 - 1918 - 1919 - 1920 - 1921 - 1922 - 1923 - 1924 - 1925 - 1926 - 1927 - 1928 - 1929 - 1930 - 1931 - 1932 - 1933 - 1934 - 1935 - 1936 - 1937 - 1938 - 1939 - 1940 - 1941 - 1942 - 1943 - 1944 - 1945 - 1946 - 1947 - 1948 - 1949 - 1950 - 1951 - 1952 - 1953 - 1954 - 1955 - 1956 - 1957 - 1958 - 1959 - 1960 - 1961 - 1962 - 1963 - 1964 - 1965 - 1966 - 1967 - 1968 - 1969 - 1970 - 1971 - 1972 - 1973 - 1974 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981 - 1982 - 1983 - 1984 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 - 2005 - 2006 - 2007 - 2008 - 2009 - 2010 - 2011 - 2012 - 2013 - 2014 - 2015 - 2016 - 2017 - 2018 - 2019 - 2020 - 2021 - 2022 - 2023 - 2024 - 2025

JUSTIÇA

Progredir, melhorar... Esgota-se a ampulheta,
palpita o regular cronômetro. O aeroplano
– abelha solta da colmeia do Planeta –
sobrepaira à charrua, em terra, e à nau, no Oceano.

É a Civilização. A fórmula obsoleta
cede aos novos ideais do Pensamento humano.
Mas o Homem... inda arrasta a secular grilheta:
É o mesmo réu, é o mesmo algoz... Pobre tirano!

Há séculos, ardendo em sede de justiça,
nem vê que essa justiça é a velha farsa que arma
a Audácia contra a Força inconsciente e submissa!

E o Mundo ascende! Mas os dias se consomem
e a Humanidade sofre! E ninguém dá o alarma,
vendo o Homem ludibriado entre as mentiras do Homem!

*Hermes Fontes*²⁹

O FUZILAMENTO DE FERRER! (INJUSTIÇA)

Ferrer – o pensador foi fuzilado
Por levantar escolas – o libertário
Sua vida fuzila-se na Praça!
O governo não foi humanitário!

Porque a monarquia jesuítica,
(Duas coroas vis sem coração)
Voltou aos tempos idos das fogueiras,
Contra Deus e a civilização!

Diz-se hipocritamente Cristã,
Mentira da infame Inquisição,
Que neste século tenta inda imperar,
Embora a universal reprovação.

Pátria de Castelar, infeliz Pátria
Que fuzila seus filhos generosos,

²⁹ Publicado na Revista "A Vida", Rio de Janeiro, 30/11/1914.

Filhos amantes, puros do progresso
Nos mostrando horizontes luminosos!

E essa pátria ingrata tenebrosa
Não quer a luz, mas sim a escuridão,
Pois bem o século XX do progresso
Escreve-lhe na fonte maldição!!

Assim no Paraná grande injustiça
Partida lá do Excelso Tribunal!!!
Onde o baixo suborno e a irreflexão
Decidem sem critério afinal!!

E a Lei, o Direito Secular?
Nada prova? Ah! Só prova o improvável!
– O interesse baixo dos mandões
Que defraudão de modo miserável!

*J. A. de Barros Junior*³⁰

NO SILÊNCIO DAS SELVAS... DO EXÍLIO

Sob a ameaça da morte e vendo os companheiros sucumbir,
Domingos Braz dá este exemplo de firmeza libertária, que oferecemos aos que recuaram por pusilanimidade ou malabarismos políticos.

Na negra solidão deste degredo infindo,
Neste recanto agreste onde a malária impera
Numa angústia ferina e atroz que desespera,
A vida a pouco e pouco se vai, além, sumindo.

Em meio da mata brava a Razão prolifera,
Medra se concretiza e, alegre, vai florindo.
O vergel do futuro, esperançoso e lindo
C'os frutos da Verdade acena a quem espera.

Bondoso, e revoltado, o coração ferido
Prosseguirei na luta heróico e destemido
Bradando altivamente: – Abaixo a tirania!

³⁰ Poesia impressa e datada: Curitiba, 14/01/1910; sem maiores referências.

Além já a divisa o Sol da Redenção
Que um passo marcará na humana Evolução,
É o sol da liberdade, a sublime Anarquia!

*Domingos Braz*³¹

AOS HERÓIS DE CHICAGO

Parsons, Fischer, Spies, Engel, Lingg, Fieldem, Schwab, Neeb.

Para corporizar em versos cristalinos
A suprema visão dos oito semeadores
Que sobranceiramente uniram seus destinos
Em prol da redenção dos povos sofredores;
Para se causticar a frente dos tratantes
Que fizeram tolher o passo aos bandeirantes
Paladinos do bem, dos mundos superiores,
– É preciso verter as lágrimas do triste,
Suportar e reagir aos agulhões da fome;
É preciso enfrentar a causa que persiste
Na missão de manter o mal que nos consome
É preciso pairar acima da opulência,
Ter nobre sentimento e ser puro altruísta,
É preciso sentir, amar, ter complacência,
Pensar e refletir, ser algo mais que artista;
Definir e mostrar por atos de verdade
Tudo quanto elevar a causa da igualdade!
Pelos tempos afora
Desde o riso pagão à loucura cristã,
Existiu a pleora
Das leis a constituir uma justiça vã...
Tal como antigamente o mesmo existe agora!
Mas apesar das leis serem frutos da força
Existe uma outra lei que jamais há quem torça
– É a lei da vontade
O desejo agulhão que impele a humanidade!

³¹ Publicado no suplemento semanal de "A Batalha", Lisboa, sem data.
Domingos Braz assina constantemente artigos em "A Plebe".

Arautos decididos,
Ousando conquistar nas praças de Chicago
Oito horas de labor em bem dos oprimidos,
Não poderão gozar do sonho o belo afago.

Presos foram sofrer sem culpa, nas prisões!...

Embora quatro heróis tenham sido enforcados,
Alguém fez prosseguir seus gestos e ações
E disto a prova está nas reivindicações
Que desde 86 são fatos confirmados!

Oito horas de labor para cada operário,
Valem por uma luz na treva dum calvário!
Faz avançar um grau na estrada que conduz,
Ao édem da equidade o povo que produz.

Irmãos que me escutais: se em vossos corações
Arde a chama do amor em novas concepções,
Deixai que se irradie esse calor fecundo
Até se transformar em sol de novo mundo!

*Lírio Rezende*³²

1º DE MAIO

Meus irmãos proletários, este dia
Faz de susto tremer a burguesia
De todo mundo, em toda a vasta terra,
Que num gesto de medo e de pavor
Vai pelo mundo semeando a dor,
A miséria e o crime, o luto e a Guerra.

De seus crimes horrendos, sanguinários,
Tem receio que nós, os proletários,
Lhe vamos pedir contas algum dia;
Receia ver as turbas despertadas
E ouvir o galopar das cavalgadas
Do ideal, da liberdade, da Anarquia!

Embriagando as massas de prazer,
A canalha dourada quer fazer
Dum protesto um motivo de alegria;
E assim lavar as mãos ensangüentadas

³² Publicado em "Renovação", em novembro de 1921.

Nas vidas proletárias, arrancadas
Ao sol da liberdade e da anarquia!

Procuram iludir, com vis enganos,
Os burgueses velhacos e tiranos,
À foice, ao camartelo, à enxada e ao malho;
Julgando ver no obreiro vil lacaio,
Chamam ao dia 1º de Maio,
De propósito, a Festa do Trabalho.

Repudiai esse insulto, proletários!
Respondei aos tiranos salafrários
Cruzando os vossos braços neste dia.
E nesse gesto de protesto forte,
Conquistemos a vida dando a morte
Às colunas sociais da tirania!

Cantando ao som da "Internacional",
Irmanados no abraço fraternal,
Proclamemos a nossa redenção:
Saudando o Sol de Maio que há de vir,
Marchemos à conquista do Porvir,
Fazendo os funerais da escravidão.

*Souza Passos*³³

PRIMEIRO DE MAIO

Qual imenso vulcão em rubra efervescência,
Sinto ter o meu peito em ódio fremitoso,
– Ora manifestado em viva incandescência,
ora em fermentações de lance vaporoso.

E no peso brutal dessa rude existência,
no contínuo lutar da vida sem repouso,
correm-me pelo sangue indômito e raivoso
anseios de abrasar-me à luz da independência...

E como aquela plêiade e temerária raça
com rara impavidez clamara a tirania
do burgo prepotente em tempos que lá vão,

³³Recorte impresso, sem referências. Souza Passos é colaborador de "A Plebe", escrevendo às vezes sob o pseudônimo de Felipe Gil.

tu, ó Maio de luz e dor que agora passa,
dá-me forças também, para com ardentia,
proclamar do Porvir o sol da Redenção.

*Pedro A. Moita*³⁴

A NOSSA FOGUEIRA

Afim de festejar o nosso dia,
Pois o dia dos míseros não tarda,
Vamos fazer uma vermelha orgia
Para que o mundo das mentiras arda.

Fogo na lei parcial que nos mentia
E que se impunha a tiros de espingarda,
Fogo nos santarrões de sacristia,
Fogo na toga, no burel, na farda!

Fogo nos bairros proletários onde
A vergonha dos míseros se esconde;
Que o conforto pertence a quem trabalha.

A nova máquina social, do povo,
Precisa ser como um alfange novo
Que sai do coração de uma fomalha.

*Cottin*³⁵

O SOL DA NOVA IDÉIA

As imagens dos celicos devassos
Em negro pó desfeitas o ar semeiam;
Levadas para o vento revolteiam
As crenças divinas em estilhaços.

Os deuses já morreram nos espaços
Os altivos e os templos bamboleiam;
Os tronos d'ouro estalavam ou baqueiam
e fogem dos reis trêmulos dos paços.

³⁴ Recorte impresso, sem referências. Pedro Mota assina artigos em "A Plebe".

³⁵ Recorte impresso, sem referências. Cottin é um pseudônimo de Afonso Schmidt, literato, simpatizante libertário. "A Plebe" publica poesias e artigos seus.

Dos credos sem sentido as densas brumas
Se dissolvem na noite, quais espumas
Na areia da praia que reluz!

O mundo velho dorme em longa treva
Entanto ao longe vejo que se eleva
O Sol da nova idéia a branca luz!

*Teixeira Bastos*³⁶

LIBERTARIAMENTE

Um dia essa Humanidade,
De si mesma em pleno império,
Sem mais crença, e sem mistério,
Gozará felicidade?...

Anarquismo é bem-Comum,
Onde há, deveras, justiça;
Em o qual valor nenhum
Goza o escravo da Preguiça:...

Anarquia é LIBERDADE.
É se ter autogoverno,
Transformando a vida-inferno
Em vida-felicidade!...

Governo de espécie alguma...
– AUTOGOVERNO em função –
Uma FRATERNIZAÇÃO
Que o BEM-MÁXIMO resuma.

Ter-se a plena consciência
Do DEVER e do DIREITO...
Sem o menor preconceito,
TRABALHO E AMOR E CIÊNCIA.

Sem Rei, sem Religião.
Buscando sempre a VERDADE
E a mais fraterna UNIÃO
Entre toda a HUMANIDADE!

³⁶ Publicado em "A Voz Operária", Campinas, 05/10/1919.

Não mais brutal FORÇA-ARMADA
Sustentando o CATIVEIRO...
Mantido pelo DINHEIRO
Que tanto aflige e degrada...

Nada de PROPRIEDADE
– Nem pessoal, nem Estatista!
TUDO A COLETIVIDADE!
Sempre o BEM-COMUM à vista.

JESUS foi contra a Fortuna...
Contra as armas de ferir...
Instituíra uma COMUNA...
É fácil de deduzir!...

Bezerra Da Cunha³⁷

SER ANARQUISTA

Ser anarquista é ser forte,
É refletir a verdade;
É pensar na triste sorte
Desta pobre humanidade!

É ser contra o banditismo
Que se vê por todo o mundo
É querer o Comunismo
Por ser humano e fecundo.

O anarquista ultrapujante
Quando fala às multidões,
Parece um astro gigante,
Da luz das constelações!

Incita os povos escravos
A lutar contra os senhores
Criando exércitos de bravos
Combatentes, vingadores.

Demonstra que a Humanidade
Tem de gozar sobre a Terra
Da maior felicidade
Que o raciocínio encerra!

³⁷ Poesia datilografada, sem maiores referências.

Se o burguês – monstro odioso –
O condena à guilhotina,
Por seu sangue generoso
Se propaga a sã doutrina.

Ser anarquista, é ser grande
Não temendo o sacrifício,
É querer que ninguém mande
Pela força ou por suplício³⁸.

MARSELHESA ANARQUISTA

Eia, rebelde, para a rua,
Formemos todos nós legião!
Nossa alma cheia d'ódio estua,
Ruge violenta como um leão!

Chega o momento da vingança,
Basta de fome e de sofrer!
Com a submissão nada se alcança,
Tudo se alcança a combater!

Chega o momento da vindicta,
Vem teu direito reclamar!
Todo esse povo que se agita,
Todo é de irmãos, vai batalhar!

Vamos! A luta que te invida
Não é de iguais, não, contra-iguais;
Não é a luta fraticida,
Que faz dos homens animais;

Não é a luta repelente
Que entre si fazem as nações,
Em benefício unicamente
Dos financeiros tubarões...

A nossa luta é santa e nobre,
E tão sagrada como o ideal,
É o doloroso afã do pobre
Contra a opressão do Capital.

³⁸ Poesia manuscrita, sem autor ou qualquer outra referência.

Todos seremos bons soldados,
Sem generais a dirigir;
Todos seremos compensados,
Quando a vitória nos sorrir!

Não são riquezas que queremos,
Que o ouro é o veneno mais atroz;
As honrarias desprezamos,
Que não há deuses entre nós.

A todos cabe igual direito,
Somos irmãos de igual valor;
Pois, a uma voz negamos preito
Ao que tornar-se ostentador.

Vamos! A luta que fascina,
Que para a rua nos atrai
Não é a vil guerra assassina
Que a toda a parte lança um ai!

Escuta bem! Não ouves perto,
Do prelio, o estrepido viril?
Não vês que sopra do deserto
Um furacão torvo e febril?

Pois é coitada espécie humana
Que ora desperta e, com altivez,
Se empunha numa raiva insana,
Contra o inimigo, o vil burguês;

Pois é o simun da alta Justiça
Que vem varrer o mundo, enfim,
Das perversões e da injustiça
Que o fazem tão cruel assim...

Eia, rebelde, se tens fome,
Se estás cansado a sofrer;
Se a tirania te consome
As alegrias do viver,

Ergue-te e vem, torna-te um bravo,
Pelo idcal luta também.
Enquanto fores um escravo,
Somente és digno de desdém!

*Raymundo Reis*³⁹

³⁹ Publicado também com o título de *A Canto dos Rebeldes*; "O Trabalhador",

AO OPERÁRIO

Operário ignorante e maltrapilho,
escravo, ilota da moderna idade
que neste afã perdes a cor e o brilho
de olhar, fanando a flor da mocidade,

que vês de fome definhar teu filho
e de teu lar fugir a alacridade,
desperta finalmente e segue o trilho
da rebeldia e da felicidade!

Atenta na objeção em que caíste
a ardente voz dos teus irmãos escuta,
pensa na agrura de teu fado triste

e, sem achares forças que te domem,
quebra os grilhões, instrui-te e altivo luta
por seres livres – para seres “Homem”!

*Sylvio Figueiredo*⁴⁰

Por que estás assim triste? Vem pugir-me
O peito esse profundo meditar...
Vamos! A frente erguida! Passo firme!
Não vês o espaço aberto ao teu olhar?

Tens devassado todos os mistérios
À força do teu braço e pensamento,
Poder sozinho derrubar impérios
E tens medo de pôr-te em movimento?

Sacode os membros teus entorpecidos,
Mostra aos que julgam ver-te moribundo
Que és um leão de tétricos rugidos,
Que pode um dia avassalar o mundo!...

*Joaquim dos Anjos*⁴¹

São Paulo, 13/05/1933.

⁴⁰ Publicado em “A Voz Operária”, Campinas, 13/01/1920

⁴¹ Idem.